

# **2<sup>a</sup> Parte**

---

**Poesia**

## Elegia Para João Clímaco Bezerra

*Artur Eduardo Benevides*

Há um rio em tua alma.  
No espaço e no tempo  
corre.  
Corre em teu sono  
em tua dor e mágoa.  
Corre em tua espera  
e na véspera que sentes.  
E é inútil que fujas.  
Tu o presentes  
em cada gesto teu.

Há um rio em tua alma.  
Um rio.  
Qual leve memória  
ou um pranto.  
Um rio que amaste e prendeu  
Para sempre tua vida.  
Um rio  
a que nunca enviaste um adeus.  
E dele  
(como a espiga que nasce do grão)  
retiras a harpa de tua  
solidão.

Que eras tu?  
Canoeiro? Remador?  
Construtor de balsas  
ou apenas  
um menino?  
Por que longas horas ficavas  
vendo as águas passarem, levadas  
pelo canto do inverno?  
Olhavas somente. E amavas

sem saber que era amor.  
E o rio seguia. Entrou  
nos teus gestos e no pensamento  
e vês suas areias brilhando ao luar  
e ouves o estrépito das águas  
nos dias de enchentes.  
Às vezes de tão fortes tragavam  
esperanças e povoações.  
E a morte chegava.  
E teu espanto  
era igual a um grande  
grito silencioso.  
Mas quase sempre o inverno era bom.  
Verdes ficavam  
caminhos e palavras.  
E então mergulhavas  
em busca do mistério.  
Hoje  
mergulhas em ti e sentes  
os fragmentos da alma que deixaste  
lá, quando a infância se erguia como um raio de sol  
e os sonhos, breves, voavam com as aves.  
E era belo sentir que o rio  
alegrava a terra e os corações.  
Mas sua face só se revelou  
quando já era em ti uma canção.  
A canção que não cantaste  
um só momento. E cresce  
sobre tua saudade  
e arrependimento.

Se Deus te concedesse a mercê,  
que escolherias:  
o homem que és  
ou o menino  
à beira do rio?  
Provavelmente pedirias

para voltar.  
Então te seguiríamos.  
E chegaríamos à tarde  
quando tudo é manso e a paz  
é um grande peixe dormindo  
sobre as águas.